

retrospectiva

Antônio-Pedro Vasconcelos



junho e julho 2018
cinemateca

António-Pedro Vasconcelos



PERDIDO POR CEM...

Na sequência dos vários Ciclos integrais que a Cinemateca dedicou aos autores do nosso Cinema Novo, chegou a vez de António-Pedro Vasconcelos, também ele obreiro decisivo de uma geração decisiva, neste caso no que se pode considerar a segunda leva dela, ou seja, os que chegaram à realização depois do trio de arranque do período 1963-65 (Paulo Rocha, Fernando Lopes e António de Macedo, que nesses anos se iniciaram na longa-metragem). Com A.-P.V., voltamos ao próprio cerne do movimento e à grande renovação cultural que nele se operou numa altura e a um nível que, de resto, a cronologia das “primeiras obras” não traduz com exatidão. Quatro anos mais novo que Rocha e Lopes, e nascido no mesmo ano de João César Monteiro, A.-P. V. entra em força nos grupos que estão na base desta *nova cultura* quase, quase na génese dela, passando, também ele, pela porta dos cineclubes, e fazendo, também ele, o tirocínio na capital francesa e na Cinemateca de Langlois (ficando em Paris dois anos, a partir de outubro de 1961, nomeadamente com Alberto Seixas Santos e logo a seguir à formação de Paulo Rocha no IDHEC). Mesmo antes dessa estada, a sua marca já se faz sentir quando, em 1958-60, participa na direção do Cineclubes Universitário de Lisboa e começa a publicar crítica na Revista *Imagem*, ou ainda especialmente quando, ao longo de alguns meses de 1961, publica com Seixas Santos, no *Diário de Lisboa*, a coluna “Campo-Contracampo” (diálogos sobre cinema que, lidos hoje, revelam bem quanto, com eles, se estava a entrar noutra galáxia). São sinais de partida para uma atividade e uma influência no coletivo, que depois, a partir de 1963, no regresso a Portugal, é imparável e determinante, e isso tanto por aquilo que é transversal ao grupo – uma geração culta, preparada e sintonizada com a renovação do cinema europeu e mundial – como por aquilo em que se destaca especialmente nele – a escrita, o lado prolixo da intervenção crítica, a contínua presença relevante na imprensa diária e em *todas* as revistas decisivas da época, os contributos para a divulgação

do cinema, e ainda, até aos inícios da década de oitenta, o esforço efetivo de solidariedade, participando nos atos e plataformas com que se faz o movimento e criando condições para que a generalidade dos seus membros possa filmar. Na primeira área (a escrita), é de acentuar a contribuição fundamental para o *Jornal de Letras e Artes* (1963-70), o *Cinéfilo* (1973-74, de que é Chefe de Redação, sob a direção de Fernando Lopes) ou para a *M* (1977), para além do muito que publica noutros órgãos (*Colóquio*, *O Tempo e o Modo*, *Diário Popular*, *Século*, *Rádio e Televisão*, *Flama*, *Celulóide...*, ou ainda, depois de 1974, *Sempre Fixe*, *Expresso*, mais tarde *O Jornal...*) Quanto às restantes áreas (a divulgação do cinema e a construção do movimento) recorde-se antes de mais a organização da Quinzena do Cinema Novo Francês (1970),

a programação do Cineclube na RTP/2 (1980-81) e a grande contribuição para o Centro Português de Cinema, do qual é membro fundador em 1969 e ao qual preside em 1974-75.

Ainda no que concerne a sua participação no esforço coletivo do Cinema Novo, há que referir, por outro lado, a sua intervenção na área da produção com a aventura da VO Filmes, que cria com Paulo Branco em 1979 (a porta de entrada deste último no território onde virá a ter a influência conhecida), e na qual é produzida ou coproduzida uma dezena de longas-metragens de referência, de Manoel de Oliveira a João César Monteiro, de João Botelho a João Mário Grilo, de Raoul Ruiz a Wim Wenders... Mas é também, justamente, no quadro desta última entidade, e durante a produção da sua terceira longa de ficção (O LUGAR DO MORTO, que começa, mas já não acaba, em ligação a Paulo Branco) que surge o primeiro sinal do que virá a transformar-se na grande divergência de percursos que o afastará de muitos daqueles com quem caminha até aí. Porque se A.-P.V. é um dos grandes obreiros do Cinema Novo, ele é também autor assumido de uma dissensão histórica no seio dele, com consequências profundas na prática e nos debates que marcaram a atividade de cinema em Portugal até aos dias de hoje. Depois de emular a Nouvelle Vague (não é PERDIDO POR CEM a única obra do Cinema Novo Português realmente próxima do espírito e da letra dela?) vem então a emular a própria divisão ocorrida no movimento francês no rasto do safanão dado por Godard a partir de 1966/67, pugnando pelo “lado Truffaut” e criticando o que vê como equívoco fatal do radicalismo estético e narrativo do autor de WEEK-END. E se antes foi um dos protagonistas do movimento, nisto sê-lo-á também, espelhando-o tanto no cinema que faz como, mais uma vez, ao nível da intervenção doutrinária, que, nos anos noventa, já não tem apenas como palco Portugal mas a Europa. Apoiado pelo enorme sucesso público desse terceiro filme (O LUGAR DO MORTO torna-se um dos maiores sucessos de bilheteira de sempre do cinema português), divergindo cada vez mais da prática de outros realizadores nacionais que, nos anos oitenta, recebem acolhimento crítico internacional, e desaprovando os mecanismos de apoio ao cinema no país e no continente europeu, vem então a dividir-se de novo entre a realização e a intervenção pública em plataformas de análise e de organização do espaço audiovisual. No início da década de noventa preside ao Secretariado Nacional para o Audiovisual, e, no âmbito europeu, preside à Comissão do Livro Verde para o Audiovisual da U.E. e à Associação SCALE (projeto integrado no Programa MEDIA destinado a apoiar países com menor capacidade de produção e de área geográfica e linguística restrita).

Viajar pela obra de António-Pedro Vasconcelos é assim viajar por mais de meio século de cinema português e pelos debates levados a cabo no seio dele, desde um cinema muito próximo da vida e da vivência do autor (o lado autobiográfico que é também uma das suas vertentes Nouvelle Vague) a um outro que procura aproximar-se mais dos grandes modelos universais da ficção e de um cinema de género, sempre em cruzamento com uma sublinhada reflexão sobre a relação amorosa e a paixão. O Ciclo (que se estende por junho e primeira parte de julho) é integral, cobrindo mais uma vez toda a produção de longas e curtas-metragens e as obras feitas para televisão e excluindo os inícios na publicidade (não necessariamente por opção mas, mais uma vez, pelas lacunas de preservação).

Será editado um catálogo, centrado numa longa conversa com o realizador em torno do seu percurso, das suas maiores referências e das questões de produção e exibição do cinema em Portugal e na Europa.



Durante esta primeira parte (entre 14 e 30 de junho), António-Pedro Vasconcelos estará na Cinemateca a acompanhar todas as sessões, apresentando filmes e debatendo com o público.

PERDIDO POR CEM...

de António-Pedro Vasconcelos

com José Cunha, Marta Leitão, Nuno Martins,
Ana Maria Lucas, Rosa Lobato Faria

Portugal, 1972 – 117 min | M/12

com a presença de António-Pedro Vasconcelos

Foi a primeira longa-metragem de António-Pedro Vasconcelos, com a marca da Nova Vaga francesa. É um filme lisboeta, de planos-sequência, câmara à mão, som direto, atores não profissionais, de que Fernando Lopes falou como “um imenso adeus aos nossos verdes anos.” “Nenhuma obra anterior [no cinema português] tinha aplicado tão convictamente a ‘gramática’ da Nouvelle Vague” (José Manuel Costa).

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [14] 21:30

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [22] 15:30

**OXALÁ**

de António-Pedro Vasconcelos

com Manuel Baeta Neves, Marta Reynolds, Laura Soveral, Judite Maigre,
Lia Gama, Ruy Furtado, Karen Blangueron, Teresa Madruga, Adelaide
João

Portugal, 1980 – 133 min | M/12

Entre 25 de Abril de 1974 e outubro de 1978, um jovem exilado em Paris faz várias viagens a Portugal, experiência que o argumento de OXALÁ trabalha através de uma série de retratos femininos. “De OXALÁ dizia-se que era um filme de mediações (‘só se tem acesso ao que se deseja através de mediações’, escreveu Eduardo Prado Coelho). Permita-se-nos deslocarmos ligeiramente a mesma ideia: OXALÁ é o desejo de pôr em imagens uma memória possível do “25 de Abril” mediado por uma forma cinematográfica alheia” (M.S. Fonseca).

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [16] 21:30

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [27] 15:30

TAPEÇARIA –TRADIÇÃO QUE REVIVE

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1967 – 17 min

A INDÚSTRIA CERVEJEIRA EM PORTUGAL

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1968 – 12 min

EXPOSIÇÃO 22 ANOS DE TAPEÇARIA

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1970 – 9 min

EMIGR ANTES... E DEPOIS?

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1976 – 98 min

duração total da sessão: 136 min | M/12

“Todos os anos, especialmente no mês de agosto, milhares de emigrantes voltam à sua aldeia, vindos sobretudo de França e da Alemanha. No verão de 1975, em plena efervescência política, este filme tenta seguir, na zona da Guarda, algumas famílias de emigrantes, e fixar os dias de cerimónias religiosas (casamentos, procissões) e festividades tradicionais (como as touradas da raia) que então se celebram” (José de Matos-Cruz). EMIGR ANTES... E DEPOIS? é um documentário muito atento, que testemunha a grande deslocação das equipas de cinema das cidades para os campos à procura de um Portugal rural, mas também a frequente hostilidade com que muitas delas eram recebidas. A abrir a sessão, três das primeiras curtas-metragens do realizador, sobre a tradição portuguesa da tapeçaria e sobre o processo de fabrico da cerveja. São obras de “publicidade institucional”, produzidas por um nome que acabaria por ser fulcral no lançamento de vários cineastas desta geração, o produtor Ricardo Malheiro.

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [18] 19:00



A VOZ E OS OUIDOS DO MFA

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 2016 – 50 min

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1974 – 70 min

duração total da sessão: 120 min | M/12

Realizado para televisão em dezembro de 1974 no fim da guerra colonial. O título adopta a expressão utilizada pelos soldados portugueses quando, do teatro de guerra, enviavam as suas mensagens de Natal para a metrópole, como então também se dizia. António-Pedro Vasconcelos regista testemunhos de soldados que combateram na Guiné retratando a guerra colonial portuguesa quando esta era ainda uma realidade muito próxima. A sessão abre com um dos últimos trabalhos do autor, um documentário televisivo, produzido para a RTP, que foca os meses de conspiração que antecederam as ações do MFA a 25 de abril de 1974, e nomeadamente a aquisição de infraestruturas logísticas (como postos de telefone) que seriam fundamentais nas horas da Revolução. A VOZ E OS OUIDOS DO MFA é apresentado numa primeira exibição na Cinemateca.

► Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [19] 19:00

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [25] 15:30

O LUGAR DO MORTO

de António-Pedro Vasconcelos

com Ana Zanatti, Pedro Oliveira, Lúcia Franco,
Teresa Madruga, Manuela de Freitas

Portugal, 1984 – 122 min | M/12

O LUGAR DO MORTO é um título incontornável da filmografia portuguesa da década de oitenta, que marcou como um assinalável êxito comercial do cinema português trabalhando os elementos do policial e do thriller. É também um filme indissociável dos atores que compõem os protagonistas, Ana Zanatti no papel de uma *femme fatale* e Pedro Oliveira, um jornalista por ela seduzido que testemunha acidentalmente uma morte nos meandros da qual se enreda.

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [20] 21:30 | Sex. [29] 15:30



JAIME

de António-Pedro Vasconcelos

com Saul Fonseca, Fernanda Serrano, Joaquim Leitão, Nicolau Breyner
Portugal, 1999 – 111 min | M/12

Ambientado na cidade do Porto, nos bairros populares próximos da Ribeira, JAIME é uma incursão num registo narrativo evocativo do neorealismo, o argumento praticamente citando, no seu ponto de partida, um dos clássicos do género, LADRI DI BICICLETTA: é a história de um garoto, filho de pais separados, que procura juntar ao dinheiro para oferecer uma motorizada ao pai, que ficou impossibilitado de trabalhar desde que lhe roubaram a dele. JAIME foi a primeira ficção de António-Pedro Vasconcelos depois de AQUI D'EL REI!, quebrando um silêncio que se manteve durante quase toda a década de noventa. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [26] 21:30



OS IMORTAIS

de António-Pedro Vasconcelos

com Joaquim de Almeida, Emmanuelle Seigner, Nicolau Breyner, Ana Padrão, Alexandra Lencastre, Maria Rueff, Rogério Samora, Sérgio Mano, Rui Unas
Portugal, Reino Unido, Luxemburgo, 2003 – 128 min | M/12

A partir de *Os Lobos Não Usam Coleira* de Carlos Vale Ferraz, o filme de António-Pedro Vasconcelos trabalha a memória da guerra colonial portuguesa, centrando-se no destino de quatro ex-comandos e combatentes em Moçambique e da sua difícil adaptação à realidade quotidiana depois dela. “Nos meus primeiros filmes havia personagens que eram o meu alter ego, neste estou em cada um dos personagens. Há uma maior maturidade. [...] Não acredito no céu e no inferno, mas acredito no céu e no inferno na cabeça das pessoas” (António-Pedro Vasconcelos, *Jornal de Letras Artes e Ideias*).

► Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [27] 19:00

AMOR IMPOSSÍVEL

de António-Pedro Vasconcelos

com Victória Guerra, José Mata, Soraia Chaves, Ricardo Pereira
Portugal, 2015 – 125 min | M/12

À data é o último trabalho de ficção de António-Pedro Vasconcelos. Olhar sobre o romantismo juvenil, através da história, contada em flashback, da investigação policial ao desaparecimento misterioso de uma adolescente, desaparecimento de que o namorado é o principal suspeito. O diário da rapariga serve de mote à narrativa, polvilhando-a de ecos do Monte dos Vendavais. Primeira exibição na Cinemateca.

► Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [28] 21:30



AQUI D'EL REI!

de António-Pedro Vasconcelos

com Arnaud Giovaninetti, Jean-Pierre Cassel, Joaquim d'Almeida,
Rogério Samora

Portugal, França, Espanha, 1991 – 234 min
versão em francês legendado eletronicamente em português | M/12

a sessão decorre com um intervalo de 30 minutos no fim do primeiro episódio

Com um elenco impressionante, que reúne atores portugueses de várias gerações e atores estrangeiros de nomeada (com Jean-Pierre Cassel, que foi ator de Renoir e de Buñuel), AQUI D'EL REI! foi, em termos de produção, o mais ambicioso projeto de António-Pedro Vasconcelos, um fresco histórico sobre a expedição de Mouzinho de Albuquerque a Moçambique, em finais do século XIX, para capturar e trazer Gungunhana para Lisboa. Vamos exibir a versão de série televisiva em três episódios, aquela que o realizador reconhece como ideal, com cerca de hora e meia mais do que a montagem para sala de cinema. Primeira exibição na Cinemateca desta versão.

► Sala Félix Ribeiro | Sáb. [30] 19:00





A BELA & O PAPAARAZZO

Filmes programados em julho

PROGRAMA A ANUNCIAR BREVEMENTE

27 MINUTOS COM FERNANDO LOPES GRAÇA, 1969

CANTIGAMENTE N. 2, 1976

(episódio da série “Cantigamente”)

CALL GIRL, 2007

MILÚ – A MENINA DA RÁDIO, 2007

A BELA & O PAPAARAZZO, 2010

PÚBLICAS VIRTUDES, VÍCIOS PRIVADOS, 2011

(episódio da série “Sonhar Era Fácil”)

OS GATOS NÃO TÊM VERTIGENS, 2014

“MEMÓRIAS DO SÉCULO XX”, 2012-2013

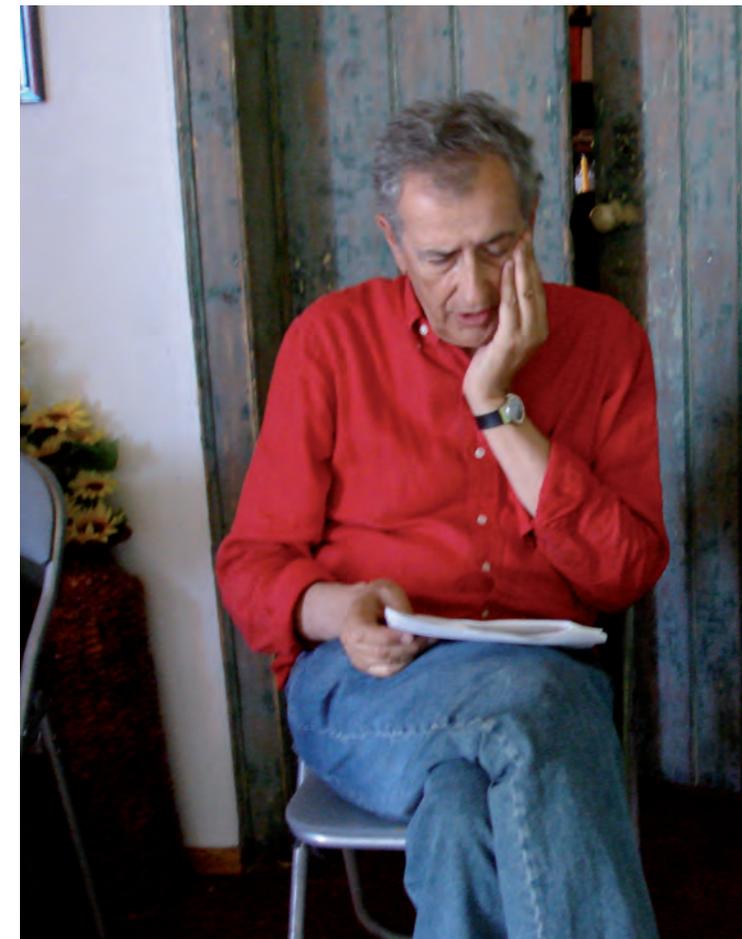
série correalizada com Leandro Ferreira:

VALEU A PENA – UM RETRATO DE MÁRIO MONIZ PEREIRA

EDUARDO GAGEIRO – UM SÉCULO ILUSTRADO

COTTINELLI TELMO – UMA VIDA INTERROMPIDA

J. RENTES DE CARVALHO – TEMPO CONTADO





Programa sujeito a alterações

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Rua Barata Salgueiro, 39 - Lisboa | www.cinemateca.pt

Horário da bilheteira:

Segunda-feira/Sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00

Venda online em cinemateca.bol.pt | Não há lugares marcados

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida | bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745